

Ministério de Minas e Energia

Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico	2
Título: Geração a carvão vive incertezas com transição energética	2
Título: Estados buscam alternativas econômicas ao combustível	5
Título: A discussão não é se o uso do carvão vai acabar, mas quando	7
Título: Hydro investe R\$ 1,3 bi na transição energética da refinaria Alunorte	8
Título: Usiminas divulga lucro de R\$ 10 bi, o maior da história	10
Título: Recordes refletem momento único do setor, mas já há sinais de fraqueza	12
Título: Mineração terá de enfrentar sua revolução tecnológica	13
VEÍCULO: Estado de S. Paulo	16
Título: Um debate estéril sobre a Petrobras	16
Título: Medidas para conter o preço da gasolina podem ter o efeito contrário	18
Título: Tensão na Ucrânia pressiona cotação do petróleo e inflação	20

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 14/02/2022****Seção: Brasil****Autor: Gabriela Ruddy — Do Rio****Título: Geração a carvão vive incertezas com transição energética**

A transição para fontes de energia mais limpas, de modo a reduzir as emissões de carbono e limitar os impactos das mudanças climáticas, coloca cada vez mais sob pressão as usinas termelétricas a base de carvão, altamente poluentes. Apesar do compromisso assumido por 21 países desde o Acordo de Paris, em 2015, para eliminar o uso dessa fonte de energia de forma gradativa até 2030, há movimentos que vão na contramão. No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro sancionou, em janeiro, lei que cria condições para prorrogar até 2040 os contratos de termelétricas a carvão em Santa Catarina, decisão criticada por especialistas do setor.

Santa Catarina e Rio Grande do Sul concentram 99,97% das reservas de carvão mineral nacional. As jazidas da região são suficientes para gerar 18.600 megawatts (MW) por 100 anos. Mesmo com esse potencial, há pressão sobre os empreendimentos operados pelas duas maiores empresas de geração do país: a Eletrobras e a Engie Brasil Energia (EBE), braço nacional do grupo francês.

A lei 14.299, sancionada por Bolsonaro em 5 de janeiro, cria o Programa de Transição Energética Justa (TEJ), cujo objetivo é preparar a região carbonífera de Santa Catarina para o “provável” encerramento, até 2040, da atividade de geração termelétrica a carvão mineral nacional. Pela lei, o TEJ busca promover transição energética “justa” para a região carbonífera desse Estado, observados os “impactos ambientais, econômicos e sociais e a valorização dos recursos energéticos e minerais alinhada à neutralidade de carbono a ser atingida em conformidade com as metas definidas pelo governo federal”.

A lei beneficia o complexo termelétrico Jorge Lacerda, em Capivari de Baixo (SC), via contratação de energia elétrica. O complexo foi vendido, em 2021, pela EBE para a gestora FRAM Capital. A EBE também está em vias de vender a usina Pampa Sul (RS), encerrando a carteira de geração fóssil no país. O projeto catarinense tem 857 MW de capacidade e é formado por três usinas, sendo que a primeira começou as operações em 1965 e a última em 1997, todas com contratos de suprimento até 2028. Essa é a data acordada com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para o fim do contrato. Mas com a sanção da

nova lei o complexo de Jorge Lacerda pode produzir energia, no mínimo, até 2040.

A venda de Pampa Sul, com 345 MW, ainda está em negociação. Com investimento de mais de R\$ 2 bilhões, o projeto, no município de Candiota (RS), na fronteira com o Uruguai, entrou em operação em 2019, e é considerado o maior do setor desenvolvido na região Sul. O contrato de suprimento da usina vai até 2050. Situada no mesmo município da Pampa Sul está Candiota III, de 350 MW, operada pela CGT Eletrosul, subsidiária da Eletrobras. A usina está em operação desde 2011, mas também recebeu investimentos entre 2018 e 2019.

De acordo com a companhia, a usina tem “fundamental importância” para operação elétrica entre o Brasil e o Uruguai, pois auxilia no controle da tensão do sistema de transmissão entre os países. O Polo de Candiota foi motivo de polêmicas, no passado, por queixas de comunidades uruguaias sobre a incidência de suposta “chuva ácida”, fenômeno causado pelo ar poluído por emissões de enxofre e nitrogênio.

Preocupações ambientais têm levado investidores a se desfazer de usinas a carvão. A perda de importância do carvão também tem se acelerado com o crescimento das fontes renováveis no Brasil. Em 2021, a energia solar centralizada, gerada em usinas, ultrapassou as térmicas a carvão em capacidade.

Desde 2013, a CGT Eletrosul desativou três térmicas a carvão no Estado: as usinas São Jerônimo, Nova Usina Termelétrica Porto Alegre e Presidente Médici. Juntos, os complexos tinham mais de 600 MW de capacidade, mas enfrentavam críticas pelos impactos ambientais. Este mês a Justiça Federal anulou o processo de licenciamento ambiental da Mina Guaíba (RS), depois de ação de associações indígenas e de defesa ambiental.

O governo federal reconhece que novos grandes projetos no setor não devem mais surgir. A previsão da EPE é que a fonte a carvão não vai receber investimentos em novos projetos até 2031, de acordo com o plano decenal de expansão colocado em consulta pública mês passado. Com isso, a capacidade instalada da fonte deve cair quase pela metade ao longo da década.

Para o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex-presidente da EPE, Maurício Tolmasquim, não faz sentido prolongar os contratos de usinas térmicas a carvão. Ele afirma que, apesar de não ter um impacto tão grande nas emissões brasileiras, o fim do uso do carvão para geração no Brasil poderia trazer ganhos de imagem significativos para o país.

“Qualquer iniciativa de contratar ou expandir contratos de térmicas a carvão vai na contramão do que o resto do mundo está fazendo. O Brasil tem a possibilidade de ser um dos primeiros países a descarbonizar a matriz elétrica. Num momento em que estamos sendo tão mal avaliados por questões ambientais, tornar a matriz líquida em carbono levaria ao mundo um sinal positivo e traria ganhos de geopolíticos para o país”, afirmou.

No Brasil, o carvão tem participação marginal na geração de eletricidade e nas emissões. Ao fim de 2021, as térmicas a carvão tinham potência instalada de 3 gigawatts (GW), o que representa menos de 2% da matriz elétrica brasileira ante cerca de 80% de participação de fontes renováveis, como hidrelétrica, solar e eólica, segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE). Dados do Observatório do Clima mostram que, em 2020, o setor de energia ficou atrás do desmatamento e da agropecuária nas emissões de gases de efeito estufa, representando 18% do total.

O cenário é diferente de outros países. Na China, o carvão responde por mais de 60% da geração de energia elétrica, percentual que chega a quase 70% na Índia. No caso dos Estados Unidos, a participação da fonte na matriz caiu quase pela metade entre 2010 e 2020, mas ainda representava quase 20% ao fim da década passada. Os dados são da administração de informações de energia dos EUA.

De acordo com a Agência Internacional de Energia (AIE), um grupo de grandes países, incluindo o Brasil, têm planos de zerar emissões, mas não para eliminar o carvão. Também fazem parte desse grupo China, Japão, Coreia do Sul, África do Sul e Estados Unidos. A lista de 21 países com compromissos para banir o carvão até 2030 inclui nações europeias, além de Canadá, Chile, Israel e Nova Zelândia, segundo a AIE.

O interesse por projetos de geração a carvão está cada dia menor entre grandes grupos do setor elétrico, em especial depois que critérios ESG (ambientais, sociais e de governança) passaram a ter maior destaque na escolha de investimentos. O compromisso com a diminuição do uso de combustíveis fósseis foi reforçado no ano passado no acordo final da Conferência do Clima (COP 26), assinado por 196 países, incluindo o Brasil.

“O Brasil precisa construir um planejamento de transição para uma economia de baixo carbono. O assunto está cada vez mais complexo e mais vinculado ao direcionamento do capital no mundo. Está ficando mais caro para o capital financiar projetos fósseis e há tendência de precificar produtos que tenham uma

vertente mais intensiva em carbono”, diz Márcio Pereira, sócio da área de ambiental e de mudanças climáticas do escritório BMA Advogados.

Um eventual fim das operações das térmicas a carvão afetaria, no entanto, o fornecimento de eletricidade no Sul, que dependeria mais do recebimento de energia de outras regiões, dizem especialistas. Seria preciso assim novos investimentos em transmissão elétrica.

O presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral, Fernando Zancan, acredita que o carvão ainda pode ter espaço em um mundo descarbonizado, com a evolução da tecnologia de compensação e captura de emissões de carbono. “O Brasil vai crescer, demandar mais energia per capita, e para isso o país precisa de fontes confiáveis e seguras. As térmicas mais baratas são a carvão e, se desativá-las, há aumento de custo”, diz. Ele acredita que há interesse geopolítico em manter parte da geração atrelada ao carvão, mais estável em termos de preços, que é produzida internamente em vários países.

Apesar das questões ambientais, ainda há investimentos em projetos no Brasil. É o caso da Copel, que em 2021 fechou contratos para modernização da térmica Figueira (PR), com investimentos de R\$ 37,3 milhões para ampliar a capacidade da usina sem precisar aumentar o consumo de carvão. A Eneva tem participações nas usinas a carvão Itaqui (MA) e Pecém II (CE).

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/02/2022

Seção: Brasil

Autor: Gabriela Ruddy — Do Rio

Título: Estados buscam alternativas econômicas ao combustível

No ano passado, o **Ministério de Minas e Energia (MME)** lançou o “programa para uso sustentável do carvão mineral nacional”, que tem como um dos focos a continuidade da atividade de mineração de carvão na região Sul. O objetivo é auxiliar na manutenção da atividade econômica da indústria carbonífera. A estimativa é que o programa possa trazer investimentos da ordem de R\$ 20 bilhões em dez anos, e criar 5 mil empregos diretos na substituição de usinas termelétricas, além de outros 600 na operação das minas.

As mudanças na matriz elétrica têm impactos imediatos principalmente para comunidades que habitam no entorno das usinas e das minas de carvão. De

acordo com o secretário de desenvolvimento econômico sustentável de Santa Catarina, Luciano Buligon, a interrupção abrupta da geração na usina Jorge Lacerda “seria como se uma guerra acontecesse” na região, com impactos em 600 mil pessoas e 15 municípios. “Ao todo, R\$ 5 bilhões seriam retirados da economia do Estado abruptamente [com o fim do contrato da térmica] e perderíamos 15 mil empregos. Seria uma verdadeira tragédia. Não podemos abrir mão disso de maneira nenhuma”, diz.

Defensores da fonte argumentam que o setor pode sobreviver se adotar tecnologias para mitigar ou impedir as emissões. Segundo eles, o carvão é importante para garantir a segurança do suprimento de energia, pois haverá necessidade de uso de térmicas despacháveis para compensar o crescimento nos próximos anos das fontes renováveis que, em sua maioria, dependem de boas condições climáticas para gerar energia. Além disso, dizem, o carvão produzido nacionalmente gera eletricidade mais barata do que o gás natural e o diesel, cujos preços são cotados no mercado internacional.

O professor de engenharia de energia e mecânica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Paulo Schneider, diz que deveria haver maior colaboração entre agências nacionais reguladoras e os organismos de meio ambiente, além dos governos estaduais e federal, na elaboração de planos de transição energética. “Deve-se buscar redirecionar essas regiões para outras atividades. Para o carvão, o bonde da história passou, mas a região Sul não está preparada para o baque. A geração a carvão é uma atividade industrial, cria empregos diretos e indiretos, tem funcionários especializados, fornecedores, prestadores de serviços, tudo isso vai desaparecer”, diz.

Santa Catarina e Rio Grande do Sul têm se movimentado em busca de novos investimentos com a transição. Em 2021, ambos Estados enviaram delegações à Conferência do Clima (COP 26).

Em janeiro, o governador de Santa Catarina, Carlos Moisés (sem partido), sancionou a lei que institui uma política estadual de transição energética. O objetivo é atrair investimentos principalmente para a área de gás natural, menos poluente do que o carvão. Uma das apostas está na construção do Terminal Gás Sul na Baía de Babitonga (SC), que terá uma unidade de armazenamento e regaseificação flutuante de gás, projeto conduzido pela New Fortress Energy.

O secretário catarinense cita ainda alternativas para a descarbonização da geração a carvão. O governo estadual apoia o Centro de Inovação de Criciúma,

ligado à Universidade do Extremo Sul Catarinense, em pesquisas sobre projetos de armazenamento e captura de carbono. Fora do setor de energia, Buligon vê potencial para fomento ao turismo como fonte de renda nas regiões de exploração do carvão, que têm uma história ligada à imigração europeia.

Já o Rio Grande do Sul assumiu o compromisso de acabar com as emissões de carbono até 2050. Este mês, o governador gaúcho, Eduardo Leite (PSDB), teve conversas com o embaixador da Noruega no Brasil, Odd Magne Rudd, em busca da atração de investimentos de hidrogênio verde. Em nota, a secretaria do meio ambiente e infraestrutura gaúcha disse que a transição energética será gradual. “O Estado deverá capacitar e criar meios, no decorrer da transição, para que a população possa se voltar a outras atividades”, disse.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/02/2022

Seção: Brasil

Autor: Daniela Chiaretti — De São Paulo

Título: A discussão não é se o uso do carvão vai acabar, mas quando

Foi o carvão o pivô do resultado sem graça da COP26, a conferência da ONU sobre mudança climática que aconteceu em Glasgow, em novembro. Nos últimos minutos da rodada, Índia e China pressionaram por uma mudança chave no texto final, que em vez de “acelerar a eliminação” do uso do carvão, saiu com “acelerar a diminuição”. É a diferença entre decretar o fim e sinalizar com a agonia. Glasgow, embora com decisão fraquinha, emitiu o sinal de que a era do carvão está chegando ao fim.

A China queima mais carvão do que todo o resto do mundo junto. Pequim sabe que terá de reduzir o uso da fonte - por uma política de interesse doméstico, em primeiro lugar, de reduzir a poluição nas cidades. Em setembro, na ONU, o presidente Xi Jinping anunciou que o país deixará de financiar a construção de usinas de carvão no exterior. É a lâmina da guilhotina descendo: mais de 70% das usinas a carvão construídas hoje no mundo dependem de dinheiro chinês.

A indústria do carvão é resiliente em seu longo martírio. Em 2021 o setor se recuperou, ameaçando as metas de emissão líquida zero, alerta relatório da Agência Internacional de Energia de dezembro. Depois de cair em 2019 e 2020, a geração global de energia do carvão deve saltar 9% em 2021. O aumento do preço do gás torna o carvão mais competitivo.

Os analistas, contudo, apostam que se trata de um canto do cisne. Planos ESG de empresas e investidores apontam no abandono da fonte. No Brasil, a francesa Engie vendeu em agosto as usinas de Jorge Lacerda, em Santa Catarina, e pretende se desfazer da termelétrica de Candiota, a Pampa Sul, no Rio Grande do Sul, até junho. O grupo pretende abandonar o carvão até 2027 no mundo.

A discussão não é se o uso do carvão vai acabar, mas quando - e o Brasil vai em rota contrária ao esforço mundial. Diagnóstico feito pelo Instituto Arayara e pelo Observatório do Carvão Mineral mapeou a cadeia do carvão em Santa Catarina. “Olhamos todo o ciclo do carvão, do transporte à análise do solo e da água. Há centenas de minas abandonadas. São 41 os municípios impactados no Estado”, diz Nicole Figueiredo de Oliveira, diretora do Instituto Internacional Arayara.

“O volume de poluentes, carregados pelas bacias hidrográficas, contaminam com chumbo, estrôncio e mercúrio cerca de um milhão de catarinenses”, estima o engenheiro Juliano Bueno de Araújo, diretor técnico do Observatório do Carvão Mineral e do Arayara. “É um problema gigante.”

Transição justa é dar opção aos mineiros que se dedicam a um trabalho dos mais duros e pior remunerados e requalificá-los para empregos de futuro. Araújo diz que o salário médio de um trabalhador do setor de carvão no Brasil é R\$ 2.200. O de um montador de painel solar é R\$ 3.500, e de um integrador de energia eólica, R\$ 5.500.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/02/2022

Seção: Empresas

Autor: Robson Rodrigues — De São Paulo

Título: Hydro investe R\$ 1,3 bi na transição energética da refinaria Alunorte

Com o objetivo de descarbonizar suas operações e se tornar neutra para o clima até 2050, a Hydro, dona da Alunorte, pôs em curso um plano para mudar a matriz energética da refinaria de alumina. São três iniciativas com investimentos de 1,3 bilhão que inclui a transição do carvão para o gás natural, uso de caldeiras elétricas com energia de fontes renováveis e um estudo de viabilidade do caroço do açaí como biomassa.

A Alunorte é a maior refinaria de alumina - matéria-prima intermediária do alumínio - do mundo e produz 6,6 milhões de toneladas ao ano. O diretor de

operações de bauxita e alumina da empresa, Carlos Neves, conta que a usina consome 7,3 gigajoules (GJ) por tonelada de alumina utilizando carvão mineral importado da Colômbia, óleo combustível e eletricidade. Mesmo sendo uma usina de ciclo aberto, ou seja, menos eficiente, outras usinas próximas consomem 9 GJ por tonelada.

“A refinaria já é considerada um benchmark em termo de consumo energético, quando comparada com outras refinarias, porém a gente precisa diversificar a matriz” afirma.

Neves diz que a refinaria é fundamental para a Hydro conseguir atingir suas metas, pois utiliza combustíveis fósseis de alta emissão. Entretanto, o desafio é mudar a composição da matriz a um custo baixo e com bons níveis de eficiência. “A meta da Hydro é descarbonizar as operações e se tornar neutra para o clima até 2050 e a Alunorte tem peso fundamental nisso. No médio prazo, a refinaria vai operar com gás natural, biomassa e eletricidade”.

Nesta jornada para produzir uma alumina de baixo carbono a partir de uma mudança de energéticos, Neves acredita que em 2025 vai conseguir reduzir em 10% as emissões e em 2030 chegar a 30%.

Recentemente, a companhia fechou acordo com a New Fortress Energy (NFE) para fornecer gás natural por 15 anos. Espera-se que a NFE forneça 29,5 TBtu de gás anualmente. Em dezembro de 2021, a Hydro aprovou a conversão dos equipamentos para gás e a expectativa é que em 2023 a companhia tenha os primeiros equipamentos convertidos.

Ao todo, são sete calcinadores e seis caldeiras que serão convertidos gradativamente no curto prazo. “A introdução do gás nos calcinadores e nas caldeiras é um projeto na ordem de R\$ 1 bilhão até o final de 2023”, afirma Neves.

O gás virá de um terminal de regaseificação de GNL em Barcarena (PR). Segundo Neves, a companhia conseguiu viabilizar que o energético chegue até a região, o que abre a oportunidade para que outras empresas locais também utilizem o insumo.

Nesta primeira etapa, está prevista a eliminação do óleo combustível. A etapa subsequente inclui - ainda neste trimestre - a instalação de uma caldeira elétrica abastecida com energia renovável, o que trará uma redução de emissões na ordem de 100 mil toneladas de CO2 por ano. Outras duas estão ainda em fase de

projetos, mas a ideia é fazer uma remoção paulatina do carvão. “Nas três caldeiras, vamos gastar na ordem de R\$ 250 milhões”, calcula.

Ainda em fase embrionária, há um estudo de viabilidade técnica-econômica da biomassa a partir do caroço do açaí com a Universidade Federal do Pará (UFPA). O Estado lidera a produção e a exportação mundial da polpa da fruta, mas o caroço é um passivo ambiental sem destino.

A pesquisa deve durar pelo menos um ano e o investimento é de cerca de R\$ 500 mil. Caso os resultados sejam positivos, há possibilidade de dar uma destinação em escala industrial ao resíduo, que pode vir a se tornar um subproduto dentro da sua cadeia produtiva.

“Definimos nossa trajetória com alguns projetos já se realizando, outros em fase de engenharia e alguns em pesquisa com objetivo de produzir uma alumina de baixo carbono”, diz.

O executivo acredita que até 2030 novas tecnologias vão surgir, o que pode potencializar as metas da empresa, como hidrogênio, eletrificação, além de maior disponibilidade de energias renováveis de origem não hídrica.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/02/2022

Seção: Empresas

Autor: Cibelle Bouças — De Belo Horizonte

Título: Usiminas divulga lucro de R\$ 10 bi, o maior da história

Após um desempenho recorde em 2021, a siderúrgica Usiminas prevê uma produção neste ano similar à do ano passado e com menos flutuações nos preços, tanto do aço quanto de minério de ferro, o que pode favorecer a receita.

A companhia mineira divulgou na sexta-feira lucro líquido consolidado de R\$ 10,06 bilhões, valor equivalente a quase oito vezes o resultado de 2020. A receita líquida, subiu 110%, para R\$ 33,7 bilhões, representando um recorde em todas as unidades de negócios. Desse montante, as vendas no país representaram R\$ 26,19 bilhões, um crescimento de 123%. Financeiramente, a Usiminas encerrou dezembro com dívida bruta negativa ao exibir caixa de R\$ 7,02 bilhões.

Para 2022, a Usiminas estima produzir de 8,5 milhões a 9 milhões de toneladas de minério de ferro, em linha com 2021, que foi recorde. Para o primeiro

trimestre, prevê vendas de 1,1 milhão a 1,2 milhão de toneladas de aço, ante 1,25 milhão um ano antes.

O presidente da empresa, Sérgio Leite, observou que, em 2021, o resultado foi afetado pela queda no preços do minério de ferro, após superar US\$ 230 a tonelada e cair a US\$ 94, situando-se agora na faixa de US\$ 140 a US\$ 150.

O balanço do quarto trimestre trouxe lucro líquido atribuído aos acionistas de R\$ 2,41 bilhões (mais 54% ante um ano atrás). O resultado deveu-se ao aumento das vendas e a ganhos não recorrentes de R\$ 619 milhões com créditos fiscais de PIS e Cofins e reversão atuarial de provisões de R\$ 47 milhões. A empresa espera conseguir mais R\$ 1,1 bilhão em créditos fiscais neste ano.

O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) subiu 5%, para R\$ 2,47 bilhões, e a receita líquida, 47%, para R\$ 8,05 bilhões - houve alta de 14% na vendas de minério de ferro e queda de 6% nas vendas de aço.

“O que dependia apenas da atuação da Usiminas teve desempenho normal. Os fatores externos, como preços, descontos e custo do frete, impactaram negativamente os resultados”, disse Leite. Neste ano, esses mesmos fatores devem ter impacto positivo.

“Os descontos estão bem menores, os fretes caíram e os preços melhoraram, até antes do que o mercado esperava, que era depois dos Jogos Olímpicos de inverno”, disse em teleconferência o CEO da Mineração Usiminas, Carlos Rezzonico.

No mercado interno, a Usiminas começou a reajustar os preços do aço para as montadoras de carros, que respondem por 20% das vendas diretas da companhia. O reajuste, que é anual, foi de 60% a 70% em janeiro. A expectativa é que o restante dos contratos do setor sejam fechados em abril com o mesmo nível de reajuste.

“Para as distribuidoras de aço, a expectativa é fazer reajustes de 5% a 10% nos preços”, informou Leite. O setor automotivo respondeu por 32% da venda total da Usiminas em 2021. Grandes redes de distribuição, 33%; outros setores, 35%.

O presidente da Usiminas observou que o cenário econômico está mais difícil neste ano, com perspectiva de alta de 0,3% no Produto Interno Bruto (PIB), ante 4,5% em 2021. No consumo de aço, a previsão é subir 1,5% a 2%, ante aumento de 23% no ano passado.

O executivo disse que a variação no PIB afeta mais o setor do que as incertezas políticas do ano eleitoral. Já no cenário internacional, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia pode ter efeito negativo no setor. Os dois países exportam placas.

Sobre o robusto caixa (R\$ 7 bilhões), o vice-presidente de finanças e de RI, Alberto Ono, disse que vai usá-lo para investir na produção e para elevar estoques de matérias-primas. A Usiminas planeja investir R\$ 2,05 bilhões, ante R\$ 1,5 bilhão de 2021.

Do total, R\$ 1,65 bilhão serão destinados à unidade de siderurgia, sendo R\$ 650 milhões na reforma do Alto Forno 3 - o maior da usina de Ipatinga, com capacidade para produzir 2,3 milhões de toneladas de ferro-gusa ao ano. A expectativa é aumentar a produtividade do alto-forno em torno de 10% com a reforma.

Leite disse que a reforma tem custo total de R\$ 2,88 bilhões e os investimentos mais altos serão feitos em 2022 e 2023. No pico da reforma, a estimativa é que 5 mil pessoas estejam envolvidas no projeto. “Vamos parar o forno por 110 dias, entre 23 de abril de 2023 e 10 de agosto”, afirmou Leite.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/02/2022

Seção: Empresas

Autor: Nelson Niero — De São Paulo

Título: Recordes refletem momento único do setor, mas já há sinais de fraqueza

A Usiminas abriu a temporada de balanços das siderúrgicas brasileiras com uma coleção de recordes. O release de resultados divulgado na manhã de sexta-feira enumera cinco resultados inéditos na história sexagenária da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais em 2021: vendas de aço, vendas de minério de ferro, receita líquida, Ebitda ajustado e lucro líquido. Para completar, destaca também o caixa de R\$ 7 bilhões, R\$ 720 milhões maior que a dívida bruta.

Os analistas, no entanto, não ficaram muito animados. O Goldman Sachs viu custos mais altos do que o esperado do aço e os preços de minério de ferro realizados aquém das expectativas. O BTG Pactual também estranhou a receita por tonelada de minério de ferro, mas ainda assim considerou o desempenho no geral no quarto trimestre dentro das expectativas e manteve a recomendação de compra e preço-alvo de R\$ 25.

Outro sinal ruim foram as vendas de aço no quarto trimestre, que caíram 6,1% comparadas ao mesmo período de 2020. Em relação ao terceiro trimestre, a queda foi de 10,5%.

Enquanto a ação despencava, o presidente da Mineração Usiminas, Carlos Rezzonico, dizia na teleconferência de resultados que o trimestre foi “uma tempestade quase perfeita” por causa da queda de preços internacionais, do aumento de descontos nos preços do minério e da alta no frete. A situação neste começo de ano já está melhor, disse, mas o mercado não captou essa parte da mensagem. A ação PNA fechou em queda de 7,45%, para R\$ 15,53, segunda maior do Ibovespa, levando boa parte dos ganhos acumulados neste ano.

O ano eleitoral será difícil, não há como não admitir e o presidente da Usiminas, Sérgio Leite, alertou para o cenário econômico “diferente”, com crescimento perto de zero do Produto Interno Bruto. O consumo de aço, que foi 23% maior em 2021, não deve avançar mais que 2%.

Os números superlativos do ano passado destacados pela empresa são reflexo de um período de demanda forte e preços altos sem comparação no setor. Na quarta-feira, a ArcelorMittal divulgou um lucro líquido três vezes maior no quarto trimestre, na comparação com o mesmo período do ano anterior, e um ganho de quase US\$ 15 bilhões no ano, que reverteu o prejuízo de 2020.

Além do bom momento do setor, a Usiminas teve uma ajuda extra-campo, com créditos fiscais e tributários reconhecidos nos segundo e quarto trimestres, R\$ 1,5 bilhão e R\$ 335 milhões, respectivamente, além de R\$ 331 milhões da reversão de passivo atuarial pela extinção do plano de saúde “Cosaúde”.

Esses ganhos, diz a empresa, foram parcialmente compensados por maiores provisões para perda pela não recuperabilidade de créditos fiscais em R\$ 159 milhões na comparação com 2020 e registro de R\$ 397 milhões negativos em “impairment” (redução ao valor recuperável de ativos) em 2021, ante um registro positivo nessa mesma conta de R\$ 731 milhões em 2020.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 14/02/2022

Seção: Empresas

Autor: Patrick McGee — Financial Times, de San Francisco

Título: Mineração terá de enfrentar sua revolução tecnológica

Um grupo de investidores está apostando que a indústria mundial de mineração, que movimenta US\$ 1,6 trilhão por ano, passará pelo mesmo tipo de ruptura digital que sacudiou os setores da mídia, música e automobilístico. T Rowe Price, Bond Capital e uma dezena de outros investidores captaram US\$ 192 milhões para uma startup apoiada por Bill Gates e chamada Kobold Metals, que usa a inteligência artificial e o aprendizado de máquina para encontrar novos depósitos de metais fundamentais para a produção de baterias e energia limpa.

Isso acontece no momento em que se espera um aumento da demanda por metais usados em baterias [de carros elétricos], como o lítio e o níquel, à medida que os carros elétricos se tornarem populares nas próximas duas décadas.

A Kobold, localizada no Vale do Silício, estima que mais de US\$ 10 trilhões em lítio, cobalto, níquel e cobre precisam ser minerados para atender a demanda futura por veículos elétricos - um número que fará com que cada vez mais companhias mineradoras tradicionais recorram à inteligência artificial (IA) para ajudá-las nesse desafio.

A BHP, maior mineradora do mundo, e a Equinor, uma empresa de energia apoiada pelo governo da Noruega, já firmaram parcerias com a Kobold e seus braços de capital de risco são ambos investidores.

Em entrevista ao “Financial Times”, Kurt House, presidente executivo da Kobold, disse que as descobertas de mineração estão ficando mais lentas e mais caras com o tempo, num reflexo do que ele chamou de Lei de Eroom - o oposto de Lei de Moore [A Lei de Moore determina que a capacidade de armazenagem dos microchips dobra a cada ano, ou ano em meio].

“Nos últimos 30 anos, o número de descobertas por dólar de capital de exploração caiu seis vezes”, disse ele. “Portanto, se você aumentou seus orçamentos em seis vezes, vai encontrar coisas na mesma velocidade que encontrou em 1990.”

Os locais de fácil exploração, em que os minerais podem ser vistos da superfície, já foram em grande parte descobertos, enquanto que a exploração de minerais mais difíceis de serem encontrados sofre de uma insuficiência crônica de recursos.

“Nos últimos 30 anos, o número de descobertas por dólar de capital de exploração caiu seis vezes”, diz Kurt House

Por exemplo, a BHP distribuiu US\$ 15 bilhões em dividendos no ano passado, mas gastou apenas US\$ 75 milhões com exploração.

Nomeada com a palavra alemã para um gnomo que controla os minerais da Terra, a Kobold já era apoiada pelo fundo Breakthrough Energy Ventures de Andreessen Horowitz e Bill Gates.

Sua rodada de financiamento mais recente aconteceu depois que a startup conseguiu demonstrar que sua tecnologia previu com sucesso a composição de um leito rochoso no norte de Quebec, encontrando minerais valiosos numa área que havia sido descartada pelas abordagens tradicionais como “sem potencial”.

A Kobold recolhe um grande número de dados científicos e históricos e usa algoritmos para identificar onde os depósitos minerais podem estar abaixo da superfície terrestre.

Sua tecnologia inclui ferramentas de aprendizado de máquina para filtrar 20 milhões de páginas de documentos de domínio público - incluindo dois séculos de acordos de direitos de mineração em inúmeras jurisdições - que ela classifica, digitaliza e transforma em informações acessíveis.

House diz que a maior parte desses “dados obscuros” foi esquecida ou não utilizada. Sua equipe contratou alguém para vasculhar arquivos do Estado em Zâmbia, onde foram encontrados mapas de linho pintados à mão, da década de 1920, cobrindo todo o país e descrevendo a terra e todos os afloramentos.

“Digitalizamos tudo e agora podemos ver os dados através de satélites espectrais. Temos dezenas de exemplos como esse”, afirma House.

Esses métodos estão ajudando a Kobold a construir um “Google Maps” da crosta terrestre, continua House. Uma vez que a companhia tem uma noção de locais onde minerais valiosos foram negligenciados, ela envia equipes para recolher mais informações.

No norte de Quebec, uma equipe de seis pessoas recolheu informações e amostras de rochas em 839 locais ao longo de 142 quilômetros de passagens. A exploração incluiu 12 semanas usando um helicóptero equipado com um enorme detector de metal - de 35 metros de diâmetro e 770 quilos - que envia pulsos eletromagnéticos por 500 metros abaixo da superfície em busca de minerais.

De certa forma, a Kobold é um jogo imobiliário sofisticado. Uma vez feito o trabalho, ele compra os direitos de mineração e firma parcerias com grandes

grupos mineradores para dividir as receitas. No norte de Quebec ela adquiriu os direitos sobre quase 80.000 hectares de terras.

Mas o trabalho nem sempre resulta em lucros garantidos. Mesmo depois de meses de trabalho em um local, ainda há uma “chance razoável” de que nenhum mineral possa ser explorado com lucro. House diz que em Quebec, por exemplo, “o valor em potencial dos minerais existentes no local vai de zero a muitos bilhões”. “Nossa meta é uma taxa de sucesso de 20% - isso é muito melhor que a prática padrão”, afirma House.

Connie Chan, uma sócia de Andreessen que apoiou duas rodadas de financiamento da Kobold, diz que os pontos que provam seus métodos a convenceram de que a mineração está “madura” para a ruptura digital, especialmente devido à necessidade de novas descobertas para tornar a produção de veículos elétricos uma realidade.

“Esses não são metais raros”, observa Chan, referindo-se ao lítio, níquel, cobalto e cobre. “O louco é que o cobalto é tão comum quanto o estanho, mas até a Tesla entrar em cena não precisávamos muito dele, de modo que ninguém o incentivou financeiro para explorá-lo.” **(Tradução de Mario Zamarian)**

VEÍCULO: Estado de S. Paulo

Data: 14/02/2022

Seção: Notas e Informações

Autor:

Título: Um debate estéril sobre a Petrobras

Privatizar ou não privatizar a empresa não diz nada se o debate não estiver orientado por um planejamento estratégico para o Estado no futuro

A Petrobras, mais uma vez, está no centro do debate entre os pré-candidatos à Presidência da República. Há alguns dias, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), João Doria (PSDB), Ciro Gomes (PDT), Simone Tebet (MDB) e Sergio Moro (Podemos) vieram a público dizer o que pensam sobre a empresa e seu valor estratégico para o País. O estímulo para as manifestações dos pré-candidatos é essa renitente tentativa do presidente Jair Bolsonaro de interferir nos rumos da organização, sobretudo em sua política de preços, a fim de auferir ganhos eleitorais. Como sói acontecer a cada quatro anos, há muito tempo, os postulantes à Presidência da República

apresentam aos eleitores as suas visões e planos para a Petrobras ao longo da campanha eleitoral.

É natural. Trata-se de uma empresa de economia mista cujo principal acionista ainda é a União, além de atuar em um segmento estratégico para qualquer país do mundo, o setor de energia. Portanto, esse confronto de ideias sobre o que fazer com a Petrobras faz parte do debate democrático. O problema é a qualidade e o alcance desse debate. Em primeiro lugar, as manifestações públicas dos pré-candidatos sobre a empresa revelaram que, para alguns deles, a Petrobras é vista como uma extensão do governo federal, uma espécie de puxadinho do Palácio do Planalto para instrumentalizar a execução de políticas públicas. Nada mais equivocado.

A Petrobras é uma empresa que tem vida própria, que deve satisfação aos seus acionistas e, portanto, tem de ser administrada de forma competente, como qualquer outra. Seus interesses empresariais não podem ser subjugados por interferências políticas de ocasião. Os prejuízos dessa má concepção sobre a Petrobras, tanto para os acionistas da empresa como para o Tesouro Nacional, são gigantescos. Lula da Silva tem se esforçado para esconder, mas ainda estão muito frescos na memória dos cidadãos os danos causados pelo sequestro da Petrobras durante os governos lulopetistas.

Para enriquecer ilicitamente apaniguados do lulopetismo e camuflar os erros crassos na condução da política econômica, especialmente no governo de Dilma Rousseff, a Petrobras foi tão esbulhada que quase foi à bancarrota. Só não foi porque, como bem lembrou no Estadão o economista José Márcio Camargo, foi salva pelos aportes do Tesouro Nacional, ou seja, pelos impostos que são pagos por toda a população. Discute-se também se a Petrobras deve ou não ser privatizada. É uma questão recorrente. “A ideia da privatização da Petrobras é histórica e perpassa todas as eleições”, lembrou o cientista político Marco Antônio Teixeira, da FGV-SP.

De fato, o modelo de gestão da empresa é um dos mais destacados pontos de divergência entre os pré-candidatos. Mas se trata de uma discussão datada, que remete às décadas de 1940 e 1950. Nas bases em que se dá, a discussão sobre a privatização da Petrobras é um amontoado de narrativas meramente eleitoreiras. Faz parte de uma campanha eleitoral, mas o grau de superficialidade não deixa de ser lamentável. Privatizar ou não privatizar empresas estatais ou de economia mista, como é o caso da Petrobras, não significa absolutamente nada se o debate

não estiver orientado por um planejamento realmente estratégico para o Estado no futuro.

O alcance do olhar é um dos traços mais distintivos dos estadistas. Isso nos leva a um problema ainda mais grave, que é a ausência de propostas sérias para a reconfiguração da matriz energética do País num futuro não muito distante, tema relevantíssimo. Debater sobre a Petrobras é debater sobre petróleo, um recurso natural que, por ser altamente poluente, está em vias de ser substituído por fontes limpas de energia. Ou seja, as mudanças climáticas impõem a governantes e organizações da sociedade civil, no mundo inteiro, a necessidade de um planejamento muito bem delineado para substituição de combustíveis fósseis por fontes renováveis de energia.

Por fim, não se pode desconsiderar que o que alguns pré-candidatos dizem hoje sobre a Petrobras pode não se traduzir em ações concretas caso sejam eleitos, seja por inexequibilidade, seja por incompetência.

VEÍCULO: Estado de S. Paulo

Data: 14/02/2022

Seção: Economia

Autor: Luciana Dyniewicz

Título: Medidas para conter o preço da gasolina podem ter o efeito contrário

Para economistas, corte de impostos e subsídios enfraquecem as contas públicas, o que tende a elevar o dólar, fazendo o combustível subir

A pouco mais de sete meses das eleições, a escalada do preço do petróleo se tornou problema central para o presidente Jair Bolsonaro. A ameaça de que a commodity faça a inflação disparar, após um 2021 em que os consumidores já viram seu poder de compra diminuir, fez o governo e o Congresso colocarem propostas na mesa consideradas, por grande parte dos analistas, populistas e contraproducentes.

Apesar de contrários às medidas, economistas concordam que o preço do petróleo ameaça a inflação e a atividade em um ano em que a economia enfrenta desafios. Do lado da inflação, a desvalorização do dólar (que começou o ano valendo R\$ 5,57 e fechou a semana em R\$ 5,24) ameniza a alta do petróleo. Mas a expectativa é de que, com a proximidade das eleições, esse efeito seja anulado – e a inflação suba ainda mais. “Vemos um cenário de incertezas à frente.

O câmbio pode ficar entre R\$ 5,50 e R\$ 5,60 quando o mercado precificar que o próximo governo vai ter dificuldade fiscal. Aí, com o petróleo tateando os US\$ 100, haverá mais um elemento de pressão. Com isso, provavelmente, vamos ver a Petrobras subindo o preço do combustível”, diz Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. A economista-chefe do Banco Inter, Rafaela Vitória, destaca que, apesar da alta do petróleo, a inflação não deve repetir em 2022 uma trajetória como a do ano passado, quando alcançou 10%.

“Mesmo que o petróleo se aproxime de US\$ 100, o impacto será menor se comparado ao da alta do barril de US\$ 40 para US\$ 80”, diz. A economista, porém, reconhece que, para o consumidor, cujo poder de compra já se deteriorou em 2021, o efeito é considerável.

PRODUÇÃO. Para Rodolfo Margato, economista da XP, a consequência do petróleo nas alturas será mais sentida na atividade econômica. Além de a alta na cotação reduzir o consumo – dado que a população terá uma renda disponível para compras menor –, prejudicará cadeias produtivas.

“O custo de produção da indústria, principalmente logístico, vai aumentar. Em muitos casos, não será possível repassar ao consumidor. As empresas reduzirão margens e investimentos”, diz. Para tentar aliviar a situação, o governo e o Congresso propõem reduzir impostos sobre combustíveis, dar auxílio-diesel a caminhoneiros, subsidiar o transporte público e aumentar o vale-gás para famílias de baixa renda.

Dependendo do que for aprovado, o impacto fiscal dessas medidas pode chegar a R\$ 100 bilhões, valor superior ao orçamento do Auxílio Brasil, que é de R\$ 89 bilhões. “Vamos abrir mão de uma arrecadação expressiva sem a mínima garantia de que vai ter um efeito para o consumidor, porque o preço é determinado pelo câmbio e pelo petróleo”, diz Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria.

Alessandra destaca que a proposta deteriora a situação fiscal, o que desvaloriza a moeda. Com o real mais fraco, a gasolina fica mais cara na bomba, e a inflação, mais pressionada. Segundo cálculos da economista, a população já tem pago a conta de medidas que enfraquecem as contas públicas. “Se o real estivesse alinhado aos fundamentos, o preço da gasolina em 2021 teria sido, em média, 76 centavos mais barato”, diz.

VEÍCULO: Estado de S. Paulo**Data:** 14/02/2022**Seção:** Economia**Autor:** Luciana Dyniewicz**Título:** Tensão na Ucrânia pressiona cotação do petróleo e inflação

Barril chegou a US\$ 95 na sexta-feira e pode subir mais

Petróleo volta a pressionar os preços

Cotação do produto já avança 18% neste ano depois de ter subido 54% em 2021; a alta altera a perspectiva dos economistas para a inflação, diante do risco de conflito na Ucrânia

Depois de subir 54% em 2021 – o que resultou em uma alta de 47,5% no preço da gasolina no Brasil, tornando-se umas das principais fontes de pressão inflacionária –, o petróleo já avançou mais 18,2% neste começo de ano. Na sexta-feira, o barril atingiu US\$ 95 e, diante da ameaça da Rússia de invadir a Ucrânia, alguns economistas já falam da possibilidade de a cotação ultrapassar US\$ 120.

Importante produtor de petróleo, a Rússia poderia, em meio a uma guerra, interromper o fluxo do produto – o que elevaria a cotação da commodity. “Só a expectativa de invasão já causa uma pressão nos preços. Estamos revisando nossas projeções de petróleo para incorporar essa história toda. O viés é de alta”, diz a economista-chefe da Tendências Consultoria, Alessandra Ribeiro.

Com a expectativa de que haveria um aumento da oferta de petróleo na América do Norte e uma leve desaceleração na demanda, Alessandra projetava que o barril terminaria 2022 ao redor de US\$ 65. “Esse patamar daria um bom alívio para a inflação.” Inclusive, significaria uma queda de 16% na comparação com o valor registrado no fim de 2021. O cenário, no entanto, mudou mais uma vez, e o petróleo, seu efeito na inflação e na atividade voltaram a se tornar uma preocupação para governos de todo o mundo.

REVIRAVOLTAS. Há 22 meses, sobrava petróleo no mundo. Com a pandemia e

países em lockdown, a demanda pelo produto despencou em 2020, os estoques ficaram abarrotados e, de repente, era preciso pagar para armazenar o óleo – o que fez o preço do WTI (tipo de petróleo produzido nos EUA) retrair.

O barril do Brent (um petróleo mais leve e que serve como principal referência global) caiu na época para menos de US\$ 20 – a primeira vez desde 2001 –, e a cotação parecia longe de se tornar um problema. A demanda, porém, voltou muito mais rápido do que se previa, impulsionada por estímulos econômicos adotados por vários governos, e os países produtores não acompanharam o ritmo.

Agora, quando se esperava uma acomodação, o preço voltou a disparar. “Se houver um conflito, o céu é o limite (para a cotação). Caso não haja, provavelmente estamos perto do pico. A conclusão é de que, nos próximos meses, o preço ainda vai ser alto. Se não tiver guerra e o Banco Central dos EUA aumentar o juro, é possível que a demanda esfrie um pouco”, diz José Roberto Mendonça de Barros, sócio da MB Associados.

CAPAS DE JORNAIS

[illegible]

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875
JULIO MESQUITA (1862-1947)Segunda-feira 14 de FEVEREIRO de 2022 • R\$ 6,00 • Ano 143 • Nº 46871
estado.com.br**Esta imagem no centro de SP pode mudar em breve**

Vinte anos após ser ocupado por centenas de famílias, o Edifício Prestes Maia deve ser reformado pela Prefeitura e virar condomínio de 287 apartamentos. ... A12

E&N Combustíveis mais caros ... B1 e B2

Tensão na Ucrânia pressiona cotação do petróleo e inflação

— Barril chegou a US\$ 95 na sexta-feira e pode subir mais

O preço do petróleo já avançou 18,2% em 2022 e, diante da ameaça de invasão da Ucrânia pela Rússia, a cotação do barril atingiu US\$ 95 na sexta-feira. Segundo economistas, o preço poderá chegar a US\$ 120 — há menos de dois anos, no

início da pandemia, estava em torno de US\$ 20. A disparada das cotações no mercado externo levou a um aumento de 47,5% no preço da gasolina no Brasil em 2021, pressionando a inflação. Agora, com a aproximação das eleições, o governo estuda medidas, como o subsídio ao diesel e

a criação de um fundo de estabilização, para tentar amenizar o problema. No Senado, uma PEC, cujo impacto fiscal pode chegar a R\$ 100 bilhões, quer cortar tributos de combustíveis, criar o auxílio-diesel, subsidiar o transporte público e reforçar o vale-gás para famílias de baixa renda.

392%

é o aumento acumulado do barril do petróleo desde que atingiu a menor cotação durante a pandemia, em abril de 2020. Economistas preveem mais elevação



Novo disco ... C1 e C5

Um tributo musical a Fernando Pessoa

Cantora e trompetista catalã Andrea Motis busca essência das "personas" do poeta, com o venezuelano Pacho Flores.

Notas e informações ... A3
Entre o ruim e o pior**Coluna do Estadão** ... A2
Bancada feminina quer mudanças no Senado**Luís Eduardo Assis** ... B2
O apodrecimento da indústria brasileira**Luiz C. Trabuco Cappi** ... B4
Os cem anos da Semana de 22**Eleições 2022** ... A6

Poder do Centrão deve crescer com 'janela' partidária

O período em que os parlamentares podem trocar de legenda, de 3 de março a 1.º de abril, deve mudar o jogo de forças no Congresso. Líderes dos partidos dizem que o União Brasil passará o PT como a segunda maior bancada da Câmara e o PL assumirá a liderança. PSDB, PDT, PROS e PTB devem perder deputados.

Segurança pública ... A11

Armas roubadas ou furtadas no Estado de SP ficam perto das vítimas

Estudo do Instituto Sou da Paz aponta que um terço das armas recuperadas estava a até 10 km do local da subtração.

E&N João Carlos Di Genio - 1939 - 2022

Aos 82 anos, morre fundador do grupo Unip/Objetivo. ... B6



EDUARDO NICOLAU/ESTADÃO

Após 32 anos ... A8

Termina o trabalho com as ossadas da vala de Perus

Tensão no Leste Europeu ... A9

Presidente ucraniano pede que Joe Biden visite o país

E&N Em alta no Brasil ... B5

Clubes de assinatura vão de bonecos pop a criptomoedas

Edição de hoje

3 CADERNOS - 40 páginas

Caderno A: Opinião, Política, Internacional, Metrópole, Esportes, À fundo, Para fechar...
E&N Destacar Economia & Negócios

C2 Cultura & Comportamento

Tempo em SP

17" Min. 21" Máx.



FOLHA DE S. PAULO

HÁ 100 ANOS ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.920

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2022

R\$ 5,00

PT restringe candidatas a governos para priorizar Lula

O ex-presidente tem conduzido acordos que privilegiavam potenciais aliados ao escolher quem apoiar nos estados. O PT deve se ater a cerca de dez candidatas, priorizando a consolidação de palanques com vistas à eleição de Lula e à governabilidade. As negociações não se limitam à esquerda, estendendo-se ao centrão. Política A4

Em ano eleitoral, 13 estados dão reajuste a servidor

Política A6

Morre, aos 82, J. C. di Genio, fundador de Objetivo e Unip

João Carlos di Genio morreu em casa, em São Paulo, de causas naturais. Formado em medicina, fundou em 1971, com professores e colegas da USP, como Drauzio Varella, o Objetivo, que em 1972 passou a incluir as faculdades da atual Unip. Cotidiano B4

ENTREVISTA DA 2ª Daniel Zonshine

Comunismo e nazismo não são comparáveis

O embaixador de Israel no Brasil rejeita a equiparação entre nazismo e comunismo feita por políticos após a fala do podcaster Monark. "Comunismo não chamou para o assassinato de grupos de pessoas e populações", diz. A10



Eduardo Anzelli/Folhapress

ABANDONO MARCA FERROVIA DO TREM DA MORTE

A icônica ferrovia, por onde o Trem da Morte percorria 1.272 quilômetros de Bauri (SP) à Bolívia, não leva mais passageiros e está com várias estações tomadas pelo lixo Cotidiano B3

Bomba fiscal no Congresso pode superar R\$ 230 bi

Medidas de apelo popular propostas por parlamentares geram queda na arrecadação e elevam custos federais

Medidas de apelo popular, neste ano em que o presidente Jair Bolsonaro (PL) busca a reeleição, podem criar uma bomba fiscal de mais de R\$ 230 bilhões.

A PEC dos Combustíveis, que teve uma de suas versões batizada de kamikaze pelo time econômico do governo, significa impacto potencial de R\$ 100 bilhões.

Aumenta essa conta um projeto que autoriza a ampla renegociação de dívidas tributárias de médias e grandes empresas, inclusive as que lucraram mais durante a pandemia. Cálculos do governo apontam para uma possível perda de R\$ 92,1 bilhões só em 2022.

No Senado, uma das pressões é pela correção da tabela do Imposto de Renda da Pessoa Física. Proposta do senador Angelo Coronel (PSD-BA) eleva a faixa de isenção de R\$ 1.903,98 a R\$ 3.300 mensais, o que custaria cerca de R\$ 35 bilhões.

Há ainda projeto de lei do MDB que institui um repasse federal para bancar a gratuidade de idosos nos ônibus urbanos, a um custo que pode chegar a R\$ 5 bilhões.

O Ministério da Economia se preocupa também com o risco de a concessão de reajustes para policiais deflagrar uma pressão generalizada por aumentos ao funcionalismo. Mercado A11

Fundos de pensão pedem prazo à União para cobrir déficits

Apesar dos resultados negativos em 2020 e 2021, entidades de estatais, como Postal (Correios), Petros (Petrobras) e Funcef (Caixa), descartam cobrança extra. Dirigentes querem tempo para acertar as contas. Mercado A12

Dica para viajantes é comprar dólar aos poucos

Folhainvest A14

BC libera hoje consultar dinheiro deixado em banco

Folhainvest A15

A pandemia em 13.fev

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Até menos uma dose (dose única ou 1ª dose)

80,9%

1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)

71,0%

Dose de reforço

26,1%

Nos estados

	Até menos uma dose	1º ciclo completo	Dose de reforço
SP	89,7%	79,9%	39,3%
PI	88,5%	72,5%	20,9%
MG	80,8%	74,2%	26,8%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel

880

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Variação em relação a 14 dias

Ilustrada C1

Triste, louca ou má

Novos romances, como 'Açúcar Queimado' e 'A Pediatra', liberam protagonistas da moralidade

Mpme A16

Após guinada do Facebook, empresas passam a investir em metaversos

Esporte B7

Corinthians bate Grêmio por 1 a 0 nos acréscimos e vence Supercopa feminina

Ronaldo Lemos

Telegram cumpre lei só na Europa

Atendendo a pedido do governo alemão, o Telegram bloqueou 64 canais de extremistas. Aqui, o aplicativo descumpe ordem do STF. Brasil e Alemanha poderiam cooperar para agir sobre plataformas globais que se recusam a cumprir leis locais. Folhainvest A14

Governo cancela ida de secretário de Cultura à Rússia

A Secretaria Especial de Cultura cancelou a viagem de Mario Frias à Rússia após divulgação de gastos de R\$ 39 mil em ida a Nova York. Ele integraria a comitiva do presidente Jair Bolsonaro (PL), que deve deixar o Brasil nesta segunda-feira. Ilustrada C2

Dados sobre vacinação infantil têm atraso e falhas

Dificuldades de municípios em cadastrar dados impedem ter a dimensão real da imunização. Segundo o Ministério da Saúde, 287 cidades de 21 estados não teriam começado a campanha, mas 13 destes dizem que todos seus municípios já vacinam. Saúde B1



Rob Carr/Getty Images/AFP

TV ABERTA TRANSMITE SUPER BOWL E SEU TRADICIONAL SHOW APÓS 20 ANOS

Da esq. para a dir., os músicos 50 Cent, Eminem, Dr. Dre, Mary J. Blige e Snoop Dogg se apresentam no intervalo do Super Bowl, a final do campeonato da NFL, liga de futebol americano, no SoFi Stadium, em Inglewood, na Califórnia

Banho de mar acessível cresce nas praias do país

Cadeiras anfíbias para que pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida entrem no mar estão sendo usadas em 15 estados brasileiros. Cotidiano B4

EDITORIAIS A2

Voo cancelado

Sobre fiasco da concessão do aeroporto do Galeão.

Escola sem tabu

Acerca de ofensiva contra menção a gênero em sala.

ISSN 1614-5703 33920 9 771414 572025

Picareta russa: Série e livro sobre golpista que enganou 'high society' de Manhattan chegam ao Brasil

SEGUNDO CADERNO

O GLOBO

Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2022 ANO XCIV - Nº 32.333 - PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ - R\$ 5,00

EM ANO ELEITORAL

Crise deve empurrar mais 1 milhão para o desemprego

Mercado de trabalho em 2022 estará na pior situação entre as últimas sete eleições, mesmo com aumento na geração de vagas

O baixo crescimento da economia e o aumento da inflação devem fazer de 2022 o pior ano para o mercado de trabalho das últimas sete corridas eleitorais. Especialistas preveem que, até o fim deste ano, mais um milhão de brasileiros estarão na fila do desemprego. Mesmo com um aumento esperado na criação de novas vagas, essas não serão suficientes para absorver o contingente de trabalhadores que estarão procurando colocação para aliviar a perda de ren-

da das famílias. A taxa de desemprego deve ficar entre 11,8% e 13% em dezembro, com até 13,4 milhões de brasileiros em busca de um posto de trabalho. O quadro será ainda mais adverso para os jovens, que, segundo especialistas, terão mais dificuldade para se empregar. **PÁGINA 13**

13%

de desemprego
É a taxa máxima prevista para dezembro de 2022

Pré-candidatas são minoria nos estados

Maioria da população brasileira, mulheres são representadas em pré-candidaturas a governos estaduais em menos da metade das unidades da Federação, mostra levantamento. Especialistas veem falta de estímulo dos partidos, que têm, majoritariamente, homens nas estruturas de direção. **PÁGINA 4**

ENTREVISTA/JAQUES WAGNER

'Vamos botar a sandalhinha da humildade'

Pré-candidato ao governo da Bahia pelo PT, o senador Jaques Wagner afirma que a sigla deve evitar clima antecedido de vitória por causa de favoritismo de Lula nas pesquisas. E defende a indicação de Geraldo Alckmin, que negocia com o PSB, como vice na chapa do ex-presidente. **PÁGINA 6**

Otan em estado de alerta por crise na Ucrânia

O Conselho da Otan, aliança militar do Ocidente, está em alerta permanente pela crise. Além do temor de uma invasão russa, o bloco vê risco de pressões migratórias e ciberataques contra infraestruturas de energia. A Alemanha tenta esforço de última hora para dissuadir a Rússia de uma ação militar. **PÁGINAS 23 e 24**

Bolsonaro vai à Rússia com agenda restrita

Em meio às tensões entre Rússia e EUA, Bolsonaro viaja a Moscou com a justificativa de estreitar relações comerciais. Agenda de encontros será restrita pela pandemia e pela crise com a Ucrânia. Analistas veem esforço do presidente em mostrar que não está isolado no cenário internacional, relata JUSSARA SOARES. **PÁGINA 23**

FERNANDO GABEIRA

Combate ao racismo precisa entrar no debate eleitoral **PÁGINA 2**

IRAPUÁ SANTANA

Nossa vida vale menos que R\$ 200 e não temos direito de ir e vir **PÁGINA 3**

E para a oposição, nada?



—Metralharei a todos com minha arminha imaginária!

FOTOS, SENHAS E 'LIKES'

Famílias têm direito à herança digital?

O acesso de herdeiros a celulares, redes sociais e até criptoformas de parentes mortos é tema cinzento na legislação brasileira. Tribunais já deram decisões conflitantes, num dilema entre preservar a privacidade e partilhar o patrimônio financeiro e afetivo do mundo digital. **PÁGINA 10**



RIO OPEN Dura missão contra favoritos

Felipe Meligeni, que estreia hoje, e Thiago Monteiro representam o Brasil na forte chave de simples do Rio Open. ESPORTES

Estreia.
Meligeni encara o sérvio Miomir Kecmanovic hoje à noite no Jockey



CARIOCA

Botafogo derrota o Vasco em São Luís

No Maranhão, o Botafogo venceu o Vasco por 1 a 0. Flamengo e Fluminense também ganharam. ESPORTES

BASQUETE

Fla é campeão do Intercontinental

O Flamengo venceu o espanhol Burgos, no Egito, e conquistou o segundo título mundial no basquete. ESPORTES

Praia e orgulho na Farne

Trecho da Praia de Ipanema fica em 2º lugar em eleição mundial do GayCities, site que é referência para turismo LGBTQIA+. **PÁGINA 17**



CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, SEGUNDA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO DE 2022

NÚMERO 21.538 • 26 PÁGINAS • R\$ 3,00

Fla goleia
rumo à final

Em ritmo de treino para encarar o Atlético-MG na decisão da Supercopa do Brasil, time rubro-negro faz 5 x 0 no Nova Iguaçu. Titulares só voltarão a campo no próximo domingo, na Arena Pantanal, em Cuiabá, na disputa do título nacional. PÁGINA 20



Guia da Champions



As oitavas da Liga dos Campeões largam amanhã. O Correo apresenta os duelos jogo a jogo com história, estatísticas e curiosidades.

PÁGINA 19

Sucesso nas redes



Protagonizado por Mel Lisboa e Seu Jorge, o podcast *Paciente 63* ganha nova temporada e conquista o público.

PÁGINA 22

430 mil alunos voltam
hoje às aulas presenciais

Depois de quase dois anos no ensino remoto, a expectativa dos estudantes, pais e comunidade escolar é de um retorno capaz de suprir a saudade e recuperar o conteúdo perdido. A secretária de Educação, Hêlvia Paranaíba, destaca que será um dos anos mais "desafiadores da história da educação". Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), Catarina de Almeida reforça que o primeiro passo será o diagnóstico do que ficou perdido no ensino remoto. "Isso terá que ser feito de forma processual a cada escola, por turma", acrescenta. Além disso, segundo ela, tem a avaliação da saúde física, psíquica e de alimentação desses alunos, que é tão importante quanto a de conteúdo.

Ed. Alencar/CB/DA Press

Estudantes fazem a
segunda etapa do PAS

A disputa por uma vaga na UnB prosseguirá, ontem, para 15.409 candidatos. Eles fizeram a segunda prova do PAS, um vestibular dividido em três avaliações. "Estou nervosa e ansiosa. É uma prova longa e complicada, mas eu estudei. Agora, vamos ver", disse Giovana Guimarães, 17 anos, que busca uma vaga em comunicação social.

PÁGINAS 13 E 14

Adeus a
Di Genio

O fundador do grupo Unip/Objetivo, João Carlos Di Genio, faleceu por causas naturais na noite de sábado. Ele tinha profunda ligação com Brasília.

PÁGINA 5

Pressão total
contra Putin

Além dos EUA, Inglaterra e Alemanha vão aumentar as ações para evitar a guerra na Ucrânia. Semana pode ser decisiva. PÁGINA 9

Comção em
Planaltina

Familiares e amigos se despediram, no cemitério da cidade, da família de Nilson Cosme dos Santos, sargento da PMDE. PÁGINA 15



Dia do "sim" coletivo

Não faltou emoção no 1º Casamento Comunitário do ano, que reuniu 32 casais. Promovido pela Sejus, a cerimônia "foi um sonho realizado para todos os casais que participaram", afirmou a juíza de Paz Mirtala Delmondez, justamente no Dia Mundial do Casamento. PÁGINA 14

CB. Poder

O presidente do Sindicato dos Policiais Cíveis do DF (Sinpól-DF), Alex Galvão, é o entrevistado de hoje, às 13h20, no programa CB.Poder, uma parceria com a TV Brasília.

Carlos Vieira/CB/DA Press

Os jardins
da UnB

Os estudantes William do Nascimento, Brenda Cristina e Maria Eduarda ajudam a manter o espaço na universidade. PÁGINA 17

Candidatos
buscam aval
no Congresso

As eleições para presidentes do Senado e da Câmara entraram nas negociações em torno de alianças para a Presidência da República. Tudo para manter a governabilidade nos próximos quatro anos. O cenário é o principal alvo.

PÁGINA 2

Entrevista / Tony Volpon

Marcelo Ferreira/CB/DA Press

"O mercado não tem
preferência por ninguém"

Ao Correo, ex-diretor do Banco Central destaca que o mercado está vendo Lula e Bolsonaro relativamente como iguais.

PÁGINAS 6 E 7

Entrevista / Luiz Felipe d'Ávila

Um basta ao
populismo
nas eleições

Pré-candidato ao Planalto pelo partido Novo, Luiz Felipe d'Ávila critica aliança entre Lula e Aécio. PÁGINA 4



MME / ASCOM .